

A INFORMATIVIDADE VISUAL EM REPORTAGEM DE REVISTA DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA: CONTRIBUIÇÕES PARA A LEITURA DO GÊNERO

Sibéria Maria Souto dos Santos Farias (IFPB, *Campus* Campina Grande)
siberia.farias@ifpb.edu.br
Danielle Núbia Souza Santos (UFCG)
danni.nubia@gmail.com

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo trazer uma contribuição significativa para o ensino dos gêneros textuais, em especial sua leitura, uma situação de análise sobre as composições e expectativas concebidas e expressas pelos elementos visuais e textuais presentes em uma reportagem em revista de divulgação científica.

Escolhemos a revista *SuperInteressante*, por se tratar de um veículo de comunicação conhecido, e portanto, popular em nosso país. Trata-se de uma revista que possui uma linguagem e diagramação que abrangem diferentes públicos, não sendo, portanto, restrita à comunidade científica. Além disso, seu formato vem sendo constantemente atualizado com os mais variados recursos visuais e de informação.

Partindo do que foi apresentado, realizaremos uma análise referente à leitura visual de uma das reportagens presentes na revista, de modo a se conhecer sua informatividade visual através dos elementos contidos no texto escolhido. O aprofundamento sobre essa temática torna-se relevante, pois permite, de certo modo, conhecer melhor como se dá essa evolução e como ela nos influencia e influencia o(s) sentido(s) que construímos para os textos que lemos, haja vista que atualmente estamos constantemente sobre a mira de informatividades cada vez mais de cunho visual. Conforme Mozdzenski, (228, p.26), “na contemporaneidade o texto verbal vem sendo cada vez mais integrado a outras semioses”.

1. Gêneros textuais: conceito, ensino e perspectiva multimodal

Conforme Bakhtin (1997, p. 279), “todas as esferas da atividade humana (...) estão sempre relacionadas com a utilização da língua, a riqueza e a variedade dos gêneros”. E estes, de acordo com Marcuschi (2008, p. 155),

são textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. (MARCUSCHI, 2008, p.155)

Bazerman (2006, p. 23) acrescenta que

os gêneros não são apenas formas. Gêneros são formas de vida, modos de ser. São frames para a ação social. São ambientes para aprendizagem. São os lugares onde o sentido é construído. Os gêneros moldam os pensamentos que

formamos e as comunicações através das quais interagimos. (BAZERMAN, 2006, p.23)

E sendo os gêneros textuais¹ a materialização de situações corriqueiras de comunicação (MARCUSCHI, 2008, p. 155), seu ensino é crucial para que se possa utilizar a linguagem adequadamente, e com isso, as atividades realizadas no dia-a-dia aconteçam eficazmente ou para que sirva como base para outras atividades semelhantes. Visto que “a língua o veículo de comunicação de um povo, é através de sua forma de expressar-se que esse povo transmite sua cultura, suas tradições seus conhecimentos” (PCNs, 1999, p. 61). Aprender a usá-la no contexto de ensino é uma oportunidade de preparação para empregá-la bem no contexto social, onde, de fato, a língua possui uma motivação e importância maior.

Dessa forma, os estudos de língua materna atuais, com o apoio dos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais), vêm se voltando ao ensino de diversos gêneros textuais como meio relevante para a aquisição e desenvolvimento de diferentes competências e habilidades para o alunado, dentre elas estariam a compreensão, produção e reflexão sobre diferentes textos, atividade crucial para o agir em sociedade, haja vista que saber escrever e/ou compreender bem textos que circulam em nosso dia-a-dia é imprescindível para nossa participação social.

Nos dias de hoje podemos visualizar uma quantidade considerável de novos gêneros surgidos com o desenvolvimento das tecnologias da informação, o que amplia as possibilidades de estudo dos gêneros textuais, não só os reconhecidos, mas aqueles que também são utilizados por culturas locais/populares (ROJO, 2009, p. 95-121), extrapolando, portanto, a proposta dos PCNs.

É importante que seja incluso o ensino voltado a práticas de letramento multissemióticos ou letramento multimodal (que são voltados para diferentes linguagens intercaladas) e multiculturais (voltado para diferentes culturas, sejam elas dominantes, locais ou escolares e crítico - letramento voltado à análise crítica dos textos que circulam na mídia e em diferentes culturas). Um ensino com essa concepção multimodal e multicultural possibilita, em certa medida, ao aluno desenvolver satisfatoriamente a capacidade de leitura e produção de textos em uma perspectiva contemporânea (ROJO, 2009, p. 95-121), tendo em vista que os sujeitos passam a ser agentes protagonistas de sua aprendizagem. Isso porque eles passam a consumir os bens culturais através de uma mídia, que no caso do presente estudo, trata-se da mídia revista de divulgação científica popular.

Observado brevemente o conceito de gêneros textuais e sua importância para o contexto de ensino, passaremos, a seguir, a observar como pode ser feita sua leitura, em perspectiva multimodal.

De acordo com Dionísio (2005, p.159-160), à medida que a sociedade se desenvolve, a linguagem tende a ser “cada vez mais visual”. Pensando sobre isso, compreendemos que também deve ser inserida ao contexto de ensino dos gêneros textuais uma perspectiva voltada para a leitura multimodal, assim o aluno poderá compreendê-lo de modo significativo, observando as características das diferentes linguagens presentes ao texto intercaladas de modo a compreender como se dá a informatividade do gênero lido/produzido. Pois,

¹ Nossa intenção é apenas demonstrar como a análise de leitura de gêneros, em especial, de um texto científico para o grande público com uma linguagem genérica, pode colaborar para a compreensão de outros gêneros, deste ou de outras esferas. Portanto, não nos cabe diferenciar o que são gêneros textuais ou discursivos. Sobre a diferenciação dos gêneros textuais e discursivos o leitor interessado pode consultar Marcuschi (2003) e Rojo (2005).

o processamento textual das informações só pode se dar com a leitura integrada do texto verbal e do material visual – fotografia, infográficos, desenhos, símbolos e ícones, além do emprego de várias cores e da elevada informatividade visual do layout. Caso contrário, a leitura poderá afetar significativamente a compreensão da unidade global do texto. Além disso, uma vez que os sentidos produzidos pelas diversas semioses que compõem o texto multimodal não são independentes entre si, pode-se constatar, conforme afirma Braga (2004), que “em produções multimodais as possibilidades de construção de sentido se ampliam”, o que vem a explicar a “multiplicidade de leituras” desses textos. (MOZDZENSKI, 2008, p. 22)

Pensando na leitura/análise do ponto de vista da linguagem visual dos textos, WYSOCKI (2004, p. 123 - 163) elenca algumas categorias de observação dos gêneros, algumas das quais destacamos a seguir:

A) Observando a página/tela

É a leitura do tamanho, forma, textura e cor de uma página/tela, descrevendo, também, a organização dos elementos visuais do texto, como por exemplo: tamanhos, distribuição e direcionamento na página, formato das letras, como são visualizados (elementos ou textos). Além da leitura do que é visualizado, Wysocki (2004, p. 124 - 126) propõe a inferência do leitor, o que chama a atenção dele no aspecto visual do texto, ou se ocorresse mudanças na estrutura da página o texto continuaria o mesmo.

B) Observando o conteúdo de uma única página/tela

Nessa categoria o autor propõe a leitura do conteúdo, elencando os elementos da página/tela e como são (palavras, fontes utilizadas, fotos, ilustrações, gráficos, desenhos, cores e tamanhos).

Além da identificação dos elementos da página/tela, é proposto ao leitor analisar a ordem de atenção que estas informações causam ao observador, e se essa organização poderia ser ou não intencional do autor do texto analisado.

Cabe também ao leitor, de acordo com essa categoria de análise dos aspectos visuais do texto, identificar o destinatário dos elementos visuais elencados, e sugerir possíveis mudanças ao texto (como alteração ou acréscimo dos elementos) para tentar auxiliar na compreensão da finalidade do texto e dos elementos visuais, ou ainda, da concepção de público-alvo que o autor deseja alcançar.

C) Observando o que ajuda o leitor a fazer conexões entre parte de um texto de muitas páginas/tela

Outros pontos que devem ser levados em conta na leitura de gêneros, segundo Wysochi (2004, p. 139 - 140), é como o leitor chega a compreender a estrutura do texto; que elementos materializados no gênero permitem a este leitor chegar a determinadas conclusões/considerações. Como por exemplo, o que leva(m) esse leitor, a partir do lido, a observar que as páginas/tela podem formar um só texto, ou ainda, como esse texto foi apresentado ao leitor e o que ele espera dele a partir das informações visualizadas, quais indícios são localizados que determinam se o texto foi finalizado em determinada página/tela ou se prosseguirá.

O autor ainda menciona que o leitor analista deve utilizar de seus conhecimentos prévios, suas aprendizagens anteriores, para auxiliá-lo na compreensão do texto, mencionando quais de suas aprendizagens lhe permitiram ver o texto de determinada forma. Além disso, o leitor precisa observar como os elementos visuais que compõem o texto possibilitam a produção de sentido de unidades dele.

Outro aspecto de observação é a relação do texto com o leitor. Que tipo de leitor seria o ideal, ou que requisitos deveria ter para interagir com esse texto. E por fim, como o leitor leria outros gêneros com base no anterior (igual ou diferentemente).

D) Observando o suporte do texto

Nesta categoria, Wysochi (2004, p. 140 - 141) relata meios de observações do texto partindo do suporte, como um todo, não só a página onde o texto está disposto, mas tudo que o engloba, como capas de CD, computador ou janela do texto; como o leitor pode distinguir o texto em poucas palavras, ou seja, a partir do que foi observado do material escrito como um todo (suporte, elementos visuais e organização). A análise dos elementos visuais do texto ainda compreende o que o leitor pode dizer sobre o texto, como ele é, como o vê.

Partindo da observação visual do texto analisado, o autor (*op.cit.*) ainda nos leva a observar sobre que expectativas são geradas pelo leitor acerca do texto na sua perspectiva global, levando em consideração o suporte onde ele está situado e o contexto o qual está inserido.

Conhecendo as categorias de análise dos aspectos visuais de textos, passaremos agora a ler um gênero utilizando os mesmos critérios aqui vistos.

2. Analisando uma reportagem

O texto selecionado para análise foi publicado na edição 275 da revista *Superinteressante* de fevereiro de 2010, o qual está localizado como último da seção de *Reportagens* e classificado na categoria *Comportamento*. A matéria apresenta o título “Como as empresas enxergam você”. Foi escrita por Luciana Barreto, ilustrada por Carlos Giovani e teve o design elaborado por Jorge Oliveira.

Tal reportagem traça o perfil dos consumidores das regiões do Brasil (Sudeste, Nordeste, Sul, Norte e Centro-oeste), visualizados pelas empresas. Vale salientar que a reportagem aborda a representação dos clientes de cada uma dessas localidades de modo separado, em pequenas seções, sendo as regiões norte e centro-oeste apresentadas de maneira unificada, dentro de um segmento único. Wysock (2004, p.125) discute que a divisão do texto em seções tem o objetivo de o autor arranjar seu texto de tal maneira, que essas direções fundamentem o seu argumento principal, e, portanto, guiem o leitor na construção da lógica do contexto defendido pelo escritor. Segundo a autora,

A writer constructing a logical argument on paper might break her text into four sections that have numbered headers. The visual presentation of the headers signal to a reader that these sections contain the four most important points of the argument; on the page, they construct the logical arrangement of the argument for the reader. (WYSOCK, 2004, p.125)

Percebemos, portanto, na reportagem em análise, que as subseções elaboradas por seus autores apresentam os mesmos propósitos caracterizados por Wysock (2004), visto que elaboraram tais subseções de modo a direcionar a organização das informações de maneira tal

que colaborem para uma melhor compreensão sobre o que é lido ou sobre a intenção de interpretação que os autores porventura queiram causar no leitor. Em outras palavras, os elementos e arranjos visuais contidos nos textos podem realizar um trabalho de persuasão no leitor realizado propositalmente pelos escritores.

A reportagem em análise foi distribuída em 4 laudas. As duas primeiras que introduzem a matéria são consideradas páginas duplicadas (figura 1), ou seja, possuem diagramação unificada, sendo uma o complemento da outra, formando uma única lauda de simetria retangular com 40 cm x 26,5 cm de tamanho.



Figura 1 – Página duplicada

As duas demais laudas possuem dimensões de 20 cm x 26,5 cm, e, portanto, também de figura retangular, com páginas simples (figura 2).



Figura 2 – Página simples

A revista, de modo geral, apresenta tamanho, qualidade de papel e de impressão equivalentes ao padrão das revistas de maiores circulação no Brasil. Suas páginas são feitas de papel pouco fino, macio e fundo em branco na maioria de seus artigos, como também, na

matéria analisada. As laudas da reportagem, no que se refere à visualização tátil, foram produzidas de modo tradicional, não possuindo recursos de texturização, ou seja, não apresentam elementos em relevo ou superposições que agucem/auxiliem a leitura em seu sentido tátil. Outra característica presente nas páginas analisadas é a ausência, em grande parte, de delimitação de margens.

Os objetos, gráficos e escritos são distribuídos organizadamente e padronizados nas demais laudas do artigo. As imagens, ornadas a esquerda e em tamanhos grandes, acompanham e complementam cada subtítulo das seções presentes na matéria, as quais estão alinhadas também à esquerda, com fontes de tamanhos relativamente maiores em referência ao título principal da reportagem.

No início da primeira página, à esquerda, encontra-se a classificação da reportagem: *Comportamento*, escrita em letras de caixa alta e em vermelho. Logo mais abaixo, o título da matéria apresenta-se centralizado, em negrito, de aproximadamente 5 mm de altura, com um tipo de fonte chamada *Sans* e sem *serifas*, que é destinada a uma leitura mais extensiva, possibilitando maior visualização/absorção do texto pelo leitor. Porém, há um maior destaque para a palavra “você”, que também faz parte do título. Tal palavra está escrita/inscrita em uma fonte diferenciada, com estilo peculiar decorativo (figura 3) e cinco vezes maior que as demais palavras que o compõem, com seu preenchimento ilustrado em temas de produtos de consumo e coloração em tons de vermelho.



Figura 3 – Exemplo de letras decorativas, com serifas.

Abaixo do título, também centralizado, localiza-se o *lead* da reportagem e os nomes da escritora, ilustrador e design. Ambos, *lead* e autores, acompanham a mesma fonte *Sans*, de coloração preta, porém com tamanho inferior em relação ao título.

Logo após todo o cabeçalho da página, estão vários outros elementos visuais que aparecem na matéria, como: letras, imagens, barras e tarjas, dispostos de modo a ajudar e convidar o leitor para a execução da leitura, tornando não só atraente, como também agradável o ato de ler. Dessa forma, “someone composing a text that has visual materiality has to pick and choose among available strategies to build a text that attracts a desired audience, is understandable to that audience, and moves it toward the ends desired by the composer” (WYSOCKI, 2004, p. 126).

A reportagem está distribuída em quatro seções que representam as regiões do Brasil, e cada uma delas possui um título em preto, alinhado à esquerda, em caixa alta e em negrito. Conjuntamente com tal título existe a ilustração que forma uma espécie de letra capitular preenchida por desenhos e cores distintas (azul, amarelo, vermelho e verde) em cada seção/subtítulo (figura 4) da matéria.



Figura 4 – Letra Capitular

Além disso, tais letras estão escritas/inscritas em alto relevo e com simples traços que dão a impressão de sombreamento. Essas letras não apenas ilustram o texto, elas o complementam, uma vez que “imagem e palavra mantêm uma relação cada vez mais próxima, cada vez mais integrada” (DIONÍSIO, 2005, p. 159). Dessa forma, a junção de figuras e texto forma uma estratégia para chamar a atenção do leitor de modo a não apenas ler a imagem, como também, ser guiado por ela para ler todo o texto escrito, pois o desenho também é texto.

Segundo Wysocki (2004), desenhos e pinturas podem ser lidos, rapidamente, quando de maneira contemplatória. Esta última forma pode ter sido a utilizada pelos compositores da matéria analisada, haja vista que as formas, informações e conceitos empregados nas figuras presentes nas letras capitulares do texto permitem examinar cada detalhe, em busca da compreensão sobre o que foi ilustrado. E tal compreensão só é efetivamente construída após a leitura do texto escrito. Dessa forma, as imagens servem de passaporte para a leitura dos demais componentes do texto.

Os demais textos presentes na reportagem trazem parágrafos justificados, que descrevem os consumidores estereotipados nas regiões do país. Eles repetem a mesma organização/estrutura do trecho analisado.

Como já descrito, a letra capitular de cada seção é do tipo decorativa, sendo preenchida por ilustrações e cores que representam o estereótipo construído sócio-culturalmente em nosso país. Cada seção apresenta três subtópicos destacados em negrito e com cores diferenciadas de acordo com a região representada, e traz as principais características dos seus habitantes.

Em seguida, apresenta-se o texto curto - estruturado em alinhamento à esquerda, com fontes estilo romanas com serifas - que detalha as características dos consumidores. A diferenciação entre subtítulos e textos serve como guia de leitura, uma vez que as seções estão escritas de modo didático, facilitando para o leitor a identificação e/ou escolha do que se pretende ler.

De acordo com Wysocki (2004, p.125), “in many of our texts (...) we expect layouts that help us get to what we need with no distraction or slowing down”. A reportagem analisada está dividida de tal forma que o leitor pode visualizar com facilidade e escolher

sobre qual região ele quer ler, e também, qual a característica dos habitantes daquela região do país que lhe interessa conhecer.

Também é presente nas páginas barras que organizam a disposição dos subtópicos dos textos. À margem direita existe uma tarja vertical em preto que destaca algumas características dos brasileiros que nos diferenciam de habitantes dos outros países. Tais características são os subtítulos dessa parte da reportagem, que são destacadas em negrito e por fonte azul, maior que o corpo do texto, o qual possui cor branca, de mesma fonte e tamanho que o texto escrito na seção global da matéria.

Analisando os aspectos contextuais da reportagem, cada subtítulo da matéria representa uma região brasileira. A letra capitular que introduz o subtópico trás ilustrações que dão pistas e corroboram para a leitura do texto escrito, uma vez que as imagens permitem, de certo modo, inferir sobre o que tratará o conteúdo do texto. Vejamos como exemplo, a letra capitular que ilustra o tópico que trata da região Nordeste (imagem 5):



Figura 5 – Letra capitular utilizada na seção que descreve o consumo na região Nordeste

Podemos observar primeiramente as cores que caracterizam a ilustração, as quais possuem tonalidades quentes (vermelho, laranja e amarelo), característico do clima nordestino. Além disso, a letra capitular trás elementos culturais da região, que são: a música (representada pelo caboclo sanfoneiro), a natureza (a palma), a vestimenta florida e simples, similar à chita, vestida pela moça de corpo carnudo, mas que não descuida da vaidade se enfeitando com flores do campo e xampus florais - em outras palavras, produtos tipicamente naturais do Nordeste.

Considerações finais

De modo geral, a reportagem em foco possui estrutura harmônica e organizada, as imagens servem de ilustração para o conteúdo do texto, tornando-o visualmente mais informativo. São utilizados pelo menos três tipos de fontes distintas, sendo o título sem serifa com tamanhos grandes nas fontes e o corpo do texto com serifa e em tamanho reduzido - estilo que é comumente impresso nas demais revistas brasileiras. Há poucos espaços em branco, mas que são suficientes para uma visualização saudável, ou seja, não-poluída do texto.

A partir da análise realizada nas páginas da reportagem em foco, acreditamos que, de certa forma, as ilustrações contidas na matéria pouco contribuem para outras leituras além do que permite o texto verbalmente escrito. Entretanto, tais ilustrações podem ter sido pensadas

como estratégia para prender a atenção do leitor, uma vez que são as imagens que “gerenciam” não só a direção de leitura, mas atraem o leitor para o material escrito.

Van Leeuwen (2004, p.15) afirma que, “critical discourse analysis needs to take account of nonverbal as well as verbally realized discourses and aspects of discourse, and of image as well as text, because these often realize quite different, sometimes even contrasting meanings”.

No caso da matéria em análise, percebe-se que as ilustrações e os textos são compatíveis, visto que os aspectos abordados no texto são exemplificados nas ilustrações. Isso se confirma através do fato de que, ao observar as imagens, o leitor poderá inferir sobre o que o texto tratará.

Referências bibliográficas

- BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. Trad. PEREIRA, M.E.G.G. São Paulo: Martins Fontes, 1997 (1979).
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio. Brasília: MEC/SEMTEC, 1999.
- DIONÍSIO, Ângela Paiva. Gêneros multimodais e multiletramento. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Orgs.) *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (orgs.) *Gêneros textuais e ensino*. 2 ed. Rio de Janeiro, Lucerna, 2003.
- _____, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Cortez, 2008.
- MOZDZENSKI, Leornado. *Multimodalidade e gênero textual: analisando criticamente as cartilhas jurídicas*. Recife: Ed. Universitária UFPE, 2008.
- ROJO, Roxane. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: MEURER, J. L., BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola, 2005.
- _____, Roxane. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- SUPERINTERESSANTE. *Como as empresas enxergam você*. Edição 275. Fev, 2010.
- VAN LEEUWEN, Theo. Ten reasons why linguists should pay attention to visual communication. In: Philip LEVINE & Ron SCOLLON. *Discourse & Technology: Multimodal Discourse Analysis*. Washington D.C.: Georgetown University Press, 2004, p.7-19.
- WYSOCKI, Anne Frances. The multiple media of texts: how onscreen and paper texts incorporate words, images, and other media. In: Charles Bazerman & Paul Prior (ed.). *What writing does and how it does it: an introduction to analyzing texts and textual practices*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 2004, p.123-163.